

BOLSAS	
Na sexta (em \$)	-0,33
1,10 São Paulo	36,944 New York

BOVESPA	
Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos 12 meses (em pontos)	37.600
36.944	36.944

A-BOND	
Índice da dívida externa brasileira, na sexta	US\$ 1,094
(em pontos)	(▼ 0,50%)

DÓLAR	
Sexta (em R\$)	Últimas cotações (em R\$)
2,165	2,18
(▲ 0,23%)	2,18
8/8	2,17
9/8	2,16
10/8	2,16

EURO	
Turismo, venda (em R\$) na sexta-feira	2,755
(em R\$)	(▼ 0,29%)
8/8	2,18
9/8	2,17
10/8	2,16

OURO	
Na BM&F, grama (em R\$)	R\$ 44,100
(em R\$)	(▼ 0,89%)
8/8	44,100
9/8	44,100
10/8	44,100

CDB	
Prefeito, 31 dias (em % a.o.)	14,57%
Março/2006	0,43
Abri/2006	0,21
Maio/2006	0,10
Junho/2006	-0,21
Julho/2006	0,19

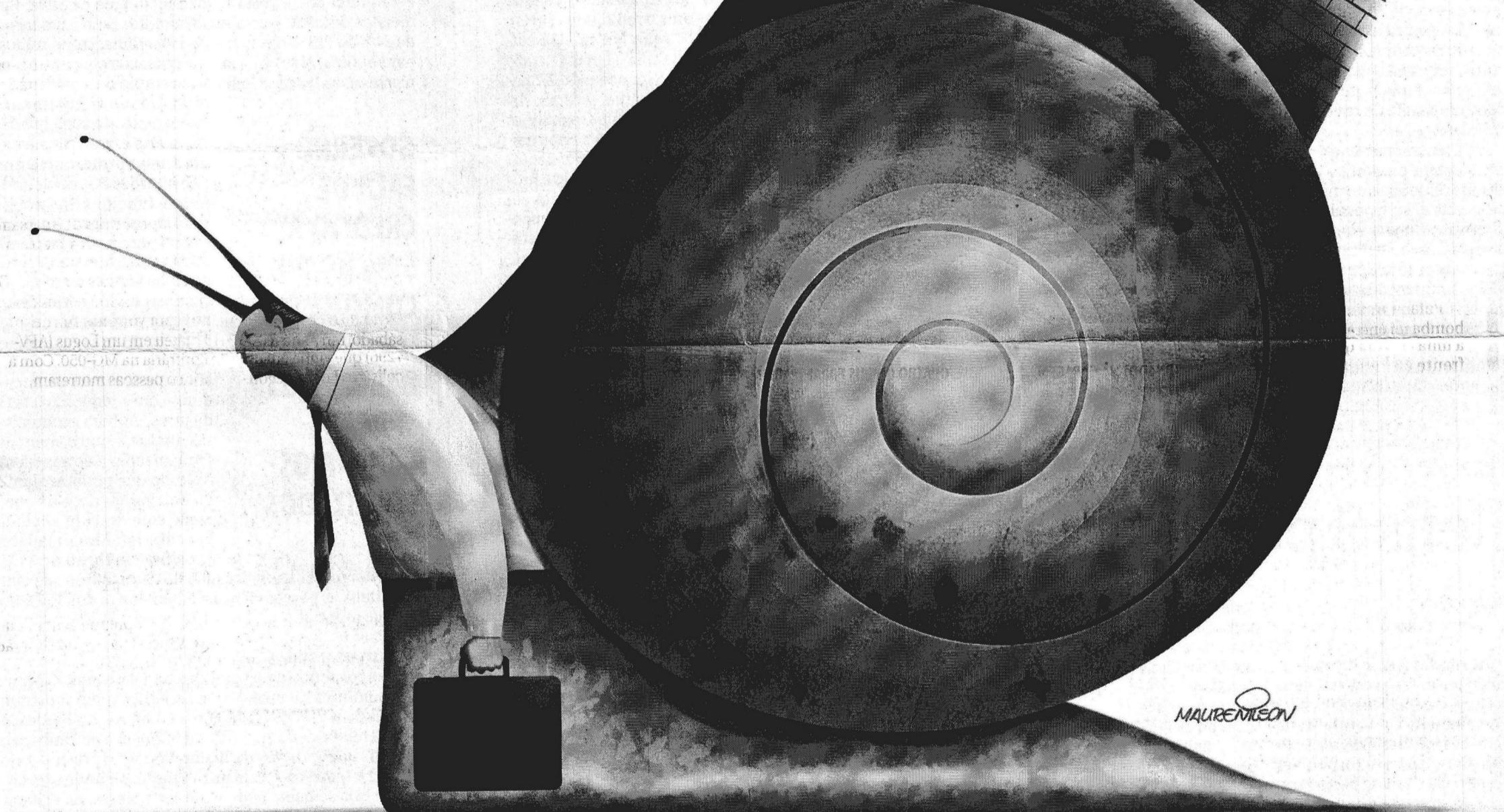
INFLAÇÃO	
IPCA do IBGE (em %)	
Março/2006	0,43
Abri/2006	0,21
Maio/2006	0,10
Junho/2006	-0,21
Julho/2006	0,19

DESENVOLVIMENTO

Apesar do cenário internacional favorável, Brasil terá dificuldades de manter previsão de crescimento até dezembro. Infra-estrutura que não avança e indefinição nos marcos regulatórios afastam investidores

ECONOMIA · BRASIL

2º semestre tímido



MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

O fraco desempenho da economia no segundo trimestre do ano colocou novamente um ponto de interrogação sobre a capacidade do Brasil manter sua taxa de crescimento em níveis mais robustos. Depois de um início de ano promissor, a indústria — que responde por quase um terço do Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas no país — perdeu fôlego entre abril e junho. O efeito sobre o ânimo dos economistas foi imediato. Analistas ouvidos pelo Correio apostam que a economia não crescerá os 4% pretendidos pelo governo. Muitos já falam em revisar para baixo suas previsões. Até mesmo os 3,6% esperados pelo mercado financeiro estão na berlinda.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), vinculado ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, deve ser um dos que vai alterar as projeções. O economista Estêvão Kopschitz, do Grupo de Acompanhamento Conjuntural do Ipea, admite que a decepção registrada no segundo trimestre afetará o desempenho da economia em 2006. "O que é possível adiantar é que, se houver revisão (da projeção de PIB), certamente será para baixo", afirma. A última projeção do Ipea é de 3,8% de crescimento do PIB. "Provavelmente, será menos do que isso."

Kopschitz lembra que, ao longo dos últimos 10 anos, a taxa média de crescimento da economia foi de 2,6% ao ano. "No primeiro semestre deste ano, o crescimento do PIB deve ter ficado em 2,7%, muito próximo deste patamar histórico", diz o

economista. O Produto Interno Bruto do semestre será divulgado no próximo dia 31 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para ele, esse é um limite porque a taxa de investimentos, hoje em torno de 20% do PIB, ainda é muito baixa. "Na verdade, ao invés do porquê não cresce mais, deveríamos perguntar como o Brasil ainda consegue crescer dentro dessas condições", pondera.

Na avaliação do economista, o ano de 2004 — quando o PIB cresceu 4,9% — deixou a sensação de que a economia brasileira estava começando um novo ciclo, o tão sonhado "espetáculo do crescimento" alardeado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas que não se confirmou. "É o que nós, economistas, chamamos de pensamento influenciado pelo desejo", diz Kopschitz.

Para o economista Salomão Quadros, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o segundo trimestre também foi "frustrante". "Depois de um bom início do ano, parecia que a economia estava embalada. Mas, de novo, o crescimento perdeu força", afirma. "Para o Brasil crescer mais, é preciso um ambiente mais previsível em termos de leis e investimentos. Esse sobe e desce é sinal de que os investidores ainda estão reticentes", ressalta.

Quadros afirma que apesar do cenário externo ser bastante favorável, o Brasil não reúne condições para atrair investimentos. "A infra-estrutura não avança e muitos marcos regulatórios estão indefinidos. Não estamos importando as incertezas, elas são fabricadas aqui mesmo", diz. Ele cita como exemplos de entraves as Parcerias Público Privadas (PPPs), que ainda não deslancharam, e o baixo nível

de investimento público em obras de infra-estrutura.

O economista-chefe da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco, reconhece que a indústria entrou numa trajetória moderada de crescimento no segundo trimestre do ano. Segundo ele, a expansão do crédito, que impulsionou a produção no segundo semestre de 2005 e

junho do ano passado. "Isso inibe ou no mínimo atrasa investimentos, pois não há avanços nos marcos regulatórios", afirma. Segundo ele, o crescimento registrado pela indústria está muito concentrado em alguns setores, como extrativa mineral, siderurgia e sucroalcooleiro. "O crescimento não é generalizado. Há muitos setores que vão mal, como madeira, móveis, vestuário e calçados", ressalta o economista. Castelo Branco é mais um a admitir que o recente desempenho da economia deve impactar nas previsões da CNI, que em julho projetou 3,7% de crescimento no PIB e 5% na indústria.

De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), a indústria brasileira também continua crescendo menos do que em outras economias com grau semelhante de desenvolvimento. Segundo o Iedi, em junho a produção brasileira foi 0,7% menor do que no mesmo período do ano passado, enquanto na Argentina, Tailândia e Chile houve crescimento de 8,7%, 6,2% e 2,3%, respectivamente.

Se 2006 não será ano de crescimento robusto, a situação é mais preocupante a partir de 2007, quando as projeções sobre o crescimento da economia são ainda mais tímidas. A opinião é do economista Guilherme Maia, da consultoria Tendências. Ele projeta uma alta para o PIB de 3,2% em 2007. "A partir do próximo ano, nossa economia vai precisar de um maior nível de investimentos para manter um bom ritmo de crescimento. O problema é que a taxa de investimentos, que para 2006 tem crescimento estimado em 6,7%, em 2007 deve cair para menos da metade (3%)", afirma.

Para 2006, Maia prefere manter sua projeção de 3,7% de crescimento do PIB. "A renda dos trabalhadores continua em alta, o que deverá estimular o consumo. Além disso, há estímulos monetários e fiscais", afirma, referindo-se ao processo de redução dos juros e ao aumento dos gastos públicos, além do reajuste de 16,67% aplicado ao salário mínimo, elevado para R\$ 350 a partir de 1º de abril.

Comércio

Apesar da perda de ritmo da produção industrial, um setor da economia terá motivos para maiores comemorações este ano.

O comércio prevê uma alta de 6,2% em suas vendas reais, bem acima das previsões mais otimistas para o PIB. O economista-chefe da Confederação Nacional da Indústria (CNC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes, explica que o setor vem crescendo acima da média porque, do ano passado para cá, se deslocou do desempenho da indústria. Tudo por conta do aumento das importações, reflexo da valorização do real diante do dólar. "O comércio se deslocou da indústria este ano, devido ao crescimento das importações de mercadorias prontas para o consumo", afirma.

Segundo Freitas Gomes, entre 2001 e 2003 as vendas do comércio caíram 5,94%. Em compensação, nos três anos seguintes (2004-2006) o crescimento acumulado deverá atingir 20,3%, pelas projeções da CNC. "Isso mostra uma recuperção significativa do setor", afirma o economista. "Apesar da frustração na indústria, o comércio vai crescer. O cenário é bom, pois a inflação está controlada, o real está valorizado e a renda dos trabalhadores continua crescendo", reforça.

“
PARA O BRASIL CRESCER
MAIS, É PRECISO UM
AMBIENTE MAIS PREVISÍVEL
EM TERMOS DE LEIS E
INVESTIMENTOS.

”

Salomão Quadros,
Economista da Fundação Getúlio Vargas

no início de 2006, começa a dar sinais de fadiga. "Os juros vêm caindo, mas ainda são muito altos. Apesar de toda a redução da Selic, a taxa de juro real (*descontada a inflação*) está na casa dos 10%. Além disso, muitos consumidores estão num alto grau de endividamento, o que limita o crescimento da oferta de crédito", alerta.

Na avaliação de Castelo Branco, a crise do mensalão e as eleições gerais de outubro deixaram o Congresso parado desde